

Pesca

A523297

Peixe capixaba rende R\$ 70 milhões

Foram pescadas 14 mil toneladas no ano passado, diz o Ibama

RACHEL SILVA

O Espírito Santo produziu, em 2003, 14 mil toneladas de pescado, com predominância de dourado, peroá e atum. A estimativa é de que o lucro gerado pela comercialização de todo esse pescado tenha sido de R\$ 70 milhões.

O número é considerado expressivo pelo Ibama, uma vez que a frota pesqueira capixaba trabalha de forma predominantemente artesanal, utilizando linha de mão - a rede é mais usada para a captura do camarão.

Os dados são resultado do primeiro levantamento técnico realizado pelo Ibama no Estado. De acordo com o coordenador do levantamento e engenheiro de pesca do Ibama, Jair Valentim, muitos estados brasileiros superam a produção capixaba em volume, mas com espécies de baixo valor comercial. Como, por exemplo, sardinha, chicharro e corvina.

“Nosso Estado é bem-colocado no ranking nacional em questão de captura, e nós temos a vantagem de produzir um pescado de alto valor comercial”, afirma Jair.



Artesanal

Os números da produção capixaba foram considerados bastante expressivos pelo Ibama, pois tanto a frota pesqueira do Estado quanto os processos utilizados para a captura do pescado são considerados ainda extremamente artesanais

Ricardo Medeiros - 6/11/2003

Denoimento

zir um pescado de alto valor comercial”, afirma Jair.

Os peixes capturados no Espírito Santo – dourado, badejo, cioba, garoupa, realito, atum e outros – são considerados nobres e abastecem não só o mercado local mas também são vendidos para outros estados e até para o exterior, principalmente Estados Unidos, França, Itália e Espanha.

Só em 2002, foram R\$ 23 milhões em exportações, um crescimento de 110% em relação ao ano de 1999. O setor emprega 80 mil pessoas em todo o Estado, em atividades ligadas direta ou indiretamente à pesca: venda de gelo, material e insumos, embarcações e serviços.

Levantamento

Os números da atividade pesqueira no Espírito Santo passaram a ser levantados sistematicamente em novembro de 2002, nos 14 municípios litorâneos do Estado.

E a falta de pessoal dificultou, e muito o trabalho. A equipe era formada por quatro coletores de dados, para cobrir os 411 quilômetros da costa capixaba.

O Ibama, então, precisou buscar a cooperação de comerciantes, empresas, colônias e associações de pescadores de todo o litoral capixaba, no sentido de preencher os relatórios mensais com as quantidades e espé-



cies de pescados.

Como resultado desse esforço, 32 das 48 localidades pesqueiras estão cobertas pelo levantamento. Não existem dados dos municípios de Linhares e São Mateus, que por esse motivo aparecem nas planilhas com produção zero. Isso significa que, mes-

mo com as carências de equipamentos e tecnologia, a produção do Estado deve ser ainda maior.

Itapemirim se destaca como o maior produtor do Estado, com 2.562 toneladas de pescado em 2003, o que representa 20% de toda a produção capixaba. Marataízes

vem em segundo, com 14% da produção. Anchieta é o terceiro município produtor, com 13% de pescado

As quantidades de dourado (2.782 t), peroá (2.595 t) e atum (1.561 t), somadas, representaram, no ano passado, mais de 50% do total de pescado na costa capixaba.

Depoimento

RECURSOS PESQUEIROS ESTÃO NO LIMITE DA EXPLORAÇÃO

Os recursos pesqueiros do Espírito Santo estão no limite da exploração sustentável. O alerta é do pesquisador e professor Agnaldo Silva Martins, do Departamento de Ecologia e Recursos Naturais da Ufes. “As espécies têm uma taxa de crescimento lenta, e pequeno potencial de recuperação. Se os estoques forem exauridos, o tempo de recuperação dessas populações pode ser de 10 a 15 anos”, explica o professor, acrescentando que espécies como o atum e a meca (ou espadarte) não podem ter sua captura aumentada, sob o risco de desaparecerem por completo da região.

“Camarão, peroá e outros recursos vivos da zona costeira estão exauridos, devido à exploração intensiva. As frotas que exploram esses recursos estão direcionando o esforço de pesca para o alto mar, mas também lá os recursos estão em seu limite máximo de exploração”, diz o professor, que coordena as pesquisas na Ufes sobre o potencial e a gestão dos recursos pesqueiros

no Estado.

Para ele, “o problema da pesca, no Espírito Santo e no mundo, é um muito mais de conservação e gestão, não uma questão de produção e crescimento econômico”, avalia, acrescentando que, de forma geral, os pescadores estão cientes disso.

“A pesca no Espírito Santo é eminentemente artesanal e representa o único meio de vida de populações de baixa renda das regiões litorâneas, mas poderia haver um melhor aproveitamento da produção atual”, sugere.

“O pescado tem alto valor no mercado internacional, o que pode representar um aumento de renda sem aumentar a quantidade da pesca”, completa o pesquisador.

As pesquisas do professor Agnaldo revelam que o potencial de aumento da produção de pesca no Estado é nulo. Assim, não seria possível aumentar a quantidade de pescado sem colocar em risco a sobrevivência das espécies nativas da região.

Agnaldo Silva Martins

Professor do Departamento de Ecologia e Recursos Naturais da Ufes